

Morreu o escritor Antunes da Silva

O presidente da Câmara Municipal de Évora, Abílio Fernandes, lamentou ontem a morte do alentejano Antunes da Silva, considerando-o como “um grande escritor alentejano e de projecção nacional”.

Em declarações à agência Lusa, o autarca eborense salientou que o escritor “viveu intensamente toda a problemática do Alentejo, os seus trabalhadores,

os seus problemas e o seu desenvolvimento”.

Abílio Fernandes acrescentou ainda que o escritor “se preocupou com a vida e o modo de viver dos alentejanos”, lembrando que Antunes da Silva lutou, ao longo da sua vida, pela construção da barragem do Alqueva.

Antunes da Silva morreu ontem de madrugada, vítima de doença prolongada.

Funeral sai hoje do Palácio D. Manuel, em Évora

Faleceu escritor Antunes da Silva

O escritor alentejano Antunes da Silva, 76 anos, faleceu ontem de madrugada em Évora, a fonte do município. O corpo do escritor encontra-se em câmara ardente no Palácio D. Manuel, em Évora, de onde sairá hoje o funeral. Autor de uma vasta obra, Antunes da Silva começou a ser conhecido depois da publicação do romance «Suão» (1960). Ao longo da sua

carreira literária recebeu várias distinções, nomeadamente das Casas do Alentejo, em Lisboa e em Toronto, e da Câmara de Évora, que lhe atribuiu a Medalha de Mérito Municipal em 1991. Com uma profunda ligação afectiva ao Alentejo, onde nasceu, o escritor Antunes da Silva manteve, a par de uma intensa actividade literária, uma intervenção política que chegou a levá-lo à prisão.

Nascido em Évora a 31 de Julho de 1921, o escritor alentejano Antunes da Silva morreu ontem de madrugada, vítima de doença prolongada, estando o corpo em câmara ardente no Palácio de D. Manuel, de onde sairá hoje para o cemitério local.

A Câmara de Évora, que lhe promoveu uma homenagem pública por ocasião da celebração dos 50 anos de vida literária, lembrou que "a postura física e de intransigente defesa dos interesses dos alentejanos" valeu a Antunes da Silva várias distinções.

O escritor, não obstante a sua profunda ligação afectiva ao Alentejo, foi forçado a deixá-lo, por demissão compulsiva das funções que aqui exercia, devido às contínuas perseguições de que foi alvo pelas autoridades, durante a vigência do salazarismo.

A autarquia frisou ainda que a longa ausência de 40 anos não quebrou os laços que ligavam Antunes da Silva à sua zona de origem e,

mesmo durante o exílio, a sua intervenção política desenvolveu-se através de artigos, crónicas, poemas e entrevistas, publicadas regularmente em vários jornais portugueses.

Além disso, Antunes da Silva colaborou, entre outras, nas revistas «Colóquio», «Vértice» e «Seara Nova».

De entre a sua vasta obra destacam-se «Gaimirra» — a sua primeira obra, publicada

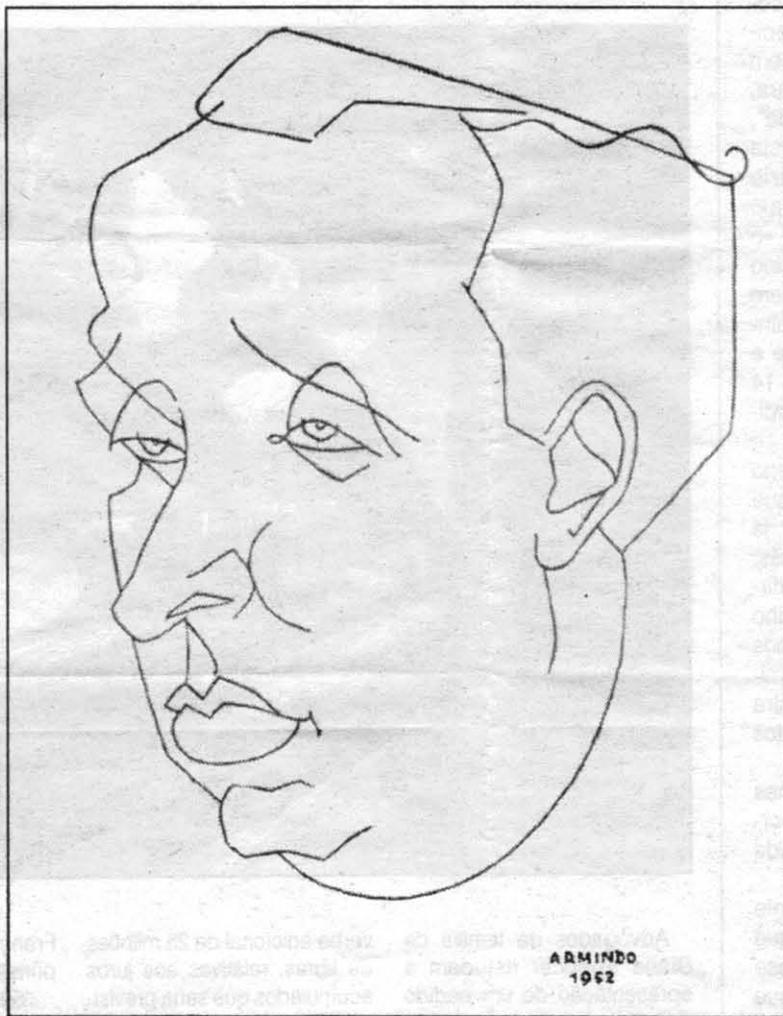
em 1946 — e os romances «Suão» (1960), «Alentejo em Sangue» (1966) e «Terras Velhas sementeadas de novo», de 1976.

Escreveu também «Esta Terra que é Nossa» (1952), «Canções do Vento» (1957) e «Rio Dejebe» (1973).

Entretanto, o presidente da Câmara Municipal de Évora, Abílio Fernandes, lamentou ontem a morte do alentejano Antunes da Silva, considerando-o como "um grande escritor alentejano e de projecção nacional".

O autarca ebo-rense salientou que o escritor "viveu intensamente toda a problemática do Alentejo, os seus trabalhadores, os seus problemas e o seu desenvolvimento".

Abílio Fernandes acrescentou ainda que o escritor "se preocupou com a vida e o modo de viver dos alentejanos", lembrando que Antunes da Silva lutou, ao longo da sua vida, pela construção da barragem do Alqueva.



Retrato de Antunes da Silva por Armindo Rodrigues

Antunes da Silva foi a sepultar em Évora

O escultor João Cutileiro, em representação do Presidente da República, Henrique Troncho, governador civil de Évora, e Abílio Fernandes, presidente da Câmara, marcaram ontem presença no funeral de Antunes da Silva, escritor ligado ao neorealismo.

No elogio fúnebre, no Palácio D. Manuel, onde o corpo ficou em câmara ardente até à hora do funeral seguir para o cemitério do Espinheiro, em Évora, Abílio Fernandes recordou os tempos de "exílio"

do escritor e considerou a sua obra como um "canto de amor ao Alentejo" e como "grito de revolta de quem via a sua terra esquecida e anulada".

Armando Antunes da Silva, natural da freguesia de S. Mamede, Évora, morreu na noite de 21 de Dezembro, com 76 anos. A luta política contra o regime de Salazar marcou a sua vida. Abandonou Évora para trabalhar em Lisboa, esteve preso, mas manteve-se fiel ao Alentejo, regressando à cidade natal após 40 anos de ausência forçada.

Álvaro Velez, correspondente do Diário de Notícias durante mais de 30 anos e colaborador dos jornais Sports, Mundo Desportivo e Record, recorda a vida difícil daquele que foi seu companheiro de escola: "O Antunes da Silva saiu de Évora porque aqui não podia arranjar emprego. Era um homem da oposição que foi perseguido e, até, preso".

Defensor da construção da Barragem do Alqueva, Antunes da Silva notabilizou-se na literatura, fazendo companhia aos grandes nomes do neorea-

lismo, com a publicação, entre outras, das seguintes obras: "Gaimirra" (1946), "Sujo" (1960), "Alentejo - Sangue" (1966) e "Terras Velhas Semeadas de Novo" (1976).

Candidato pela CDE, em 1969, Antunes da Silva pertenceu ao MUD juvenil e militou no MDP/CDE, nunca abandonando a actividade cívica e política em defesa do Alentejo, região que serviu de tema para os inúmeros artigos que deixa espalhados por publicações como o Diário de Lisboa, Diário Popular, República, Diário do Sul, Comércio do Porto, Seara Nova e Vértice.

A sua colaboração com jornais estendeu-se igualmente ao prestigiado Democracia do Sul, onde dirigiu, com Borges Fernandes, a página literária deste diário que se publicou em Évora nos anos 50/60.

Morreu Antunes da Silva

Com 76 anos de idade, morre em Évora, sua terra natal, o escritor Antunes da Silva, romancista, contista e poeta, que a si próprio se definia como «escritor regionalista», subcorrente integrada no neo-realismo. O autor de *Suão* escreveu em 1948, na revista *Vértice*, que «o escritor regionalista de hoje deve procurar actuar principalmente no convívio com as realidades do seu tempo, não se importando com as críticas que pretendam fazê-lo desprezar a riqueza humana da sua sensibilidade». Recebeu muitos prémios e distinções, nomeadamente das Casas do Alentejo de Lisboa e Toronto e

a Medalha de Mérito Municipal em 1991. Em toda a sua obra - incluindo as numerosas reportagens e crónicas que escreveu ao longo da sua vida para a revista *Vértice*, o jornal o diário, *O Diabo*, *Sol Nascente* e outras publicações -, nunca se desviou do conceito que tinha de «escritor regionalista», atento e actuante na realidade que ele próprio vivia, produzindo trabalhos de grande riqueza documental e forte intervenção política, com relevo para os textos sobre a Reforma Agrária na Revolução de Abril, reunidos no livro *Terras Velhas Semeadas de Novo*.